

Nº 85, out./98, p.1-5

## ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DO ALGODÃO HERBÁCEO NO CEARÁ

Robério Ferreira dos Santos<sup>1</sup>

Dalfram Gonçalves Vale<sup>2</sup>

Ramiro Manoel Pinto Gomes Pereira<sup>3</sup>

No sistema de produção de algodão que prevalece no Brasil existe uma diferença tecnológica, a nível de produtor rural, entre as regiões Centro-Sul<sup>4</sup> e Nordeste.

O trabalho de pesquisa desenvolvido na região Centro-Sul desde o início do século XX, no Instituto Agrônomo de Campinas, e os esforços desempenhados na indústria têxtil facilitaram, sobremaneira, a utilização de novas tecnologias no campo. O processo de modernização da agricultura<sup>5</sup> foi fundamental na viabilização, via políticas de crédito, subsídios, pesquisa, tecnologia e assistência técnica, da produção das maiores propriedades agrícolas, principalmente as localizadas em solos de melhor qualidade, e de parte da produção agrícola familiar, notadamente aquela subordinada à agroindústria.

Na região semi-árida do Nordeste do Brasil, onde encontra-se a maior parte da cotonicultura nordestina, esta modernização não aconteceu. Isto pode ser explicado não só pela falta de interesse dos empresários da indústria têxtil pela matéria-prima regional mas, também, pelo tradicionalismo da estrutura de produção familiar encontrada no campo e pelo alto risco climático, que inviabilizam a adoção de tecnologias propagadas no processo de modernização da agricultura, em condições de sequeiro.

Localizar, no tempo, as causas que explicam a crise que afeta a cotonicultura nacional não é tarefa das mais fáceis. No Nordeste, não se pode deixar de considerar a estrutura tradicional de produção no campo, mas sem generalizar as consequências desta estrutura no que ocorre nos algodões arbóreo e herbáceo. As magnitudes da crise são diferentes. A estrutura de produção desempenha função importante no algodão arbóreo, sendo a redução do seu cultivo agravada pela propagação do bicudo do algodoeiro, a partir de 1985, e pela abertura do mercado brasileiro às importações internacionais, resultado da integração brasileira à globalização mundial, em 1990. No que se refere ao algodão herbáceo, a explicação para a crise não é tão clara. O objetivo deste trabalho é mostrar que ela existe, mas em situação diferente da encontrada no algodão arbóreo. A diferença será visualizada através do que vem ocorrendo com a

<sup>1</sup>Pesquisador da Embrapa Algodão, CP 174, CEP 58107-720, Campina Grande, PB

<sup>2</sup>Assistente de Operações da Embrapa Algodão

<sup>3</sup>Técnico Nível Superior da Embrapa Algodão

<sup>4</sup>A região Centro-Sul é aqui entendida como aquela formada pelo conjunto das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil

<sup>5</sup>Aqui entendido como o processo que viabilizou, via "revolução verde", o uso de insumos, máquinas e equipamentos industriais no campo

CT/85, CNPA, out./98, p.2

produção do algodão herbáceo no Ceará, procurando centrar a análise em toda cadeia produtiva, até a porta da indústria têxtil.

Observa-se na Tabela 1 que as secas nos anos de 1979 a 1983, 1987 e 1991 a 1993 podem ser utilizadas para explicar muitos resultados da crise do algodão no Ceará e no Nordeste como um todo. Os efeitos da propagação do bicudo do algodoeiro ficam mascarados junto com os efeitos destas secas. As maiores produções, dentro do período em análise, ocorreram, tanto no Ceará como no Nordeste, no ano agrícola 1983/84, levando a incremento de área colhida nos dois anos seguintes.

A abertura ao mercado externo ocorrida no Brasil começa a afetar o mercado do algodão mais intensamente a partir de 1990, com a drástica redução nas tarifas alfandegárias, que facilitou a entrada de importações, e pelos preços artificialmente baixos, conseguidos mediante subsídios na origem, e pelas facilidades de financiamento dos produtos importados (prazo de até 400 dias e taxas de juros de 6 a 8% ao ano). Tudo isto tornou o produto nacional menos atraente para a indústria têxtil. Para ilustrar, são utilizados dados da Bolsa de Mercadorias & Futuros, do início de 1997 até o mês de agosto, onde se verifica que foi importado pela indústria têxtil do Ceará 85,6 mil toneladas de algodão em pluma, segundo maior nível no Brasil, contra 3,7 mil toneladas compradas no mercado interno, das quais apenas 8% dentro do estado. Na Tabela 1 pode-se observar, pela redução ocorrida na área colhida e na produção, que o efeito da abertura do mercado torna-se aparente, tanto no Ceará como no Nordeste como um todo, a partir de 1995.

Chama atenção, nesta mesma Tabela 1, que os rendimentos médios obtidos no Ceará nos anos agrícolas 1995/96 e 1996/97 são os maiores do período em análise, sendo inclusive superiores aqueles da região Nordeste como um todo. Uma explicação para isto pode ser encontrada no incremento que vem ocorrendo na produção de algodão irrigado no estado. Na Tabela 2 foram incluídos dados desta produção no ano de 1997. Comparando-se com a Tabela 1, verifica-se que o algodão irrigado respondeu por 16% da área colhida, 43% da produção e 272% do rendimento médio totais do estado do Ceará neste ano. Pode-se acrescentar que os produtores predominantes são agricultores familiares, que utilizam pequenas áreas irrigadas<sup>6</sup>.

Diferentemente do algodão arbóreo (rejeitado pela maioria dos produtores), o algodão herbáceo plantado no Ceará tornou-se expansão de produção em três áreas: na primeira, produção irrigada via agricultores familiares tecnificados (o rendimento médio obtido por eles, em 1997, poderá ser incrementado via parcerias entre pesquisa e extensão, dando continuidade às ações da Secretaria de Desenvolvimento Rural do Ceará, SDR, atraindo, novos produtores); na segunda, também produção irrigada, via projetos com grandes produtores, como o que está em andamento no vale do Apodi, conforme noticiado na edição do dia 07 de maio de 1997 do jornal Tribuna do Ceará, com o grupo MAEDA, maior produtor nacional de algodão, responsável por 18% do total colhido no Brasil na safra 1996/97, que atua em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, que pretende investir 20 milhões de reais na produção de algodão irrigado, produzindo 31 mil toneladas de algodão em caroço; na terceira área, considerada alternativa adicional via produção de algodão de sequeiro, formada por produtores passíveis em adotar tecnologia melhorada, como, utilizando-se dados da SDR, aqueles de Acopiara, Quixeré, Cedro, Icó, Orós, Quixelo, Carui, Jucas, Várzea Alegre, Granjeiro, e Nova Olinda, municípios cearenses onde o rendimento médio em 1997 foi igual ou superior a 1.200 Kg/ha de algodão em caroço, com custo de produção reduzido, sendo 70% atribuído à mão-de-obra, que é familiar.

<sup>6</sup> Uma exceção é encontrada na chapada do Apodi, em Limoeiro do Norte, onde um grande produtor obteve, segundo informações da Secretaria de Desenvolvimento Rural do Ceará, um rendimento médio de 3.359kg/ha

## CT/85, CNPA, out./98, p.3

O beneficiamento da produção de algodão no Ceará foi realizada, em 1997, por 11 usinas, estando 20 desativadas. O presidente do sindicato da indústria de beneficiamento de algodão do Ceará, em entrevista concedida no jornal Tribuna do Ceará, em 26 de abril de 1998, afirmou que 75 usinas já operaram no estado. As usinas em funcionamento estão localizadas nos municípios de Brejo Santo, Missão Velha, Iguatu, Acopiara, Senador Pompeu, Jaguaruana, Crateús, Quixada(2) e Quixeramobim(2).

O intermediário, entre o produtor e a usina, ainda desempenha papel importante no processo de comercialização já que é ele que se encarrega de juntar a produção dos pequenos produtores. O preço médio pago aos produtores no Ceará, em 1997, foi o maior dos últimos anos. Segundo informações disponíveis na SDR ele foi de R\$ 0,61 por quilo de caroço. Utilizando-se dados da Fundação Getúlio Vargas (1998), verifica-se que este preço foi superior aquele do Nordeste (R\$ 0,58) e do Brasil (R\$ 0,57). Em 1995 e 1996 o preço médio no Ceará foi de R\$ 0,44 e R\$ 0,52, respectivamente.

Um dos problemas levantados pelos dirigentes de usinas de beneficiamento entrevistados em Iguatu, Acopiara, Quixeramobim e Quixadá (que afirmaram ter comprado o algodão em caroço em sua maior parte no Ceará), foi a dificuldade de venda da pluma. O dirigente que comprou a maior quantidade, entre os entrevistados, 3.000 toneladas de algodão em caroço, afirmou que até abril de 1998 só tinha conseguido comercializar 45 toneladas, sendo 68% da pluma equivalente vendida para Pernambuco; 14% para Alagoas; 9% para São Paulo e 9% para o Ceará (Fortaleza). O restante dos dirigentes de usinas entrevistados afirmaram ter vendido a produção beneficiada para Fortaleza, às indústrias têxteis de pequeno e médio porte.

Com a produção de algodão herbáceo do Ceará, em 1997, demonstra-se que existem alternativas para a recuperação do seu cultivo, quer via pequenos ou grandes irrigantes ou pequenos produtores de algodão de sequeiro tecnificados. A parceria entre produtores, instituições de pesquisa e de extensão e outros órgãos dos governos federal, estadual e municipal viabilizará tal produção. É de fundamental importância, no entanto, que seja dada à indústria têxtil possibilidades de aquisição da produção nacional de pluma, em condições de prazo e taxas de juros competitivas àquelas existentes no mercado externo. Para isto, um exemplo a ser observado são as medidas em andamento tomadas pelo governo do estado do Ceará, que pretende garantir recursos existentes no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a indústria têxtil cearense, em condições semelhantes às vigentes no mercado externo, mas sob garantia de aquisição por parte desta de toda produção de algodão em caroço do estado.

CT/85, CNPA, out./98, p.4

Tabela 1. Área colhida, produção e rendimento médio de algodão herbáceo em caroço, no Ceará e no Nordeste do Brasil, 1984/85 a 1996/97

Safra	Ceará						Nordeste					
	Área Colhida (mil ha)	%	Produção (mil t)	%	Rendimento Médio (kg/ha)	%	Área colhida (mil ha)	%	Produção (mil t)	%	Rendimento Médio (kg/ha)	%
1973/74	90	11	8	3	90	27	809	100	268	100	331	100
1974/75	78	12	27	12	350	105	672	100	224	100	334	100
1975/76	48	10	11	8	225	77	490	100	143	100	291	100
1976/77	96	14	26	11	270	79	685	100	234	100	342	100
1977/78	84	14	28	12	330	87	601	100	229	100	381	100
1978/79	57	11	12	7	210	64	521	100	170	100	326	100
1979/80	54	10	10	7	195	74	559	100	147	100	264	100
1980/81	55	9	12	8	225	84	576	100	155	100	269	100
1981/82	124	18	58	28	465	154	675	100	204	100	302	100
1982/83	73	17	17	17	234	96	420	100	102	100	244	100
1983/84	270	30	181	35	672	115	887	100	517	100	583	100
1984/85	306	30	114	25	374	83	1.013	100	455	100	449	100
1985/86	350	37	68	17	195	48	956	100	388	100	406	100
1986/87	34	10	6	5	187	50	346	100	129	100	374	100
1987/88	172	25	91	19	527	76	699	100	482	100	690	100
1988/89	159	28	39	19	245	68	557	100	200	100	360	100
1989/90	79	24	17	11	219	48	331	100	151	100	458	100
1990/91	73	22	35	16	489	75	336	100	217	100	648	100
1991/92	71	20	29	17	412	89	360	100	167	100	465	100
1992/93	24	13	8	7	330	51	182	100	119	100	650	100
1993/94	121	30	62	22	511	72	404	100	285	100	705	100
1994/95	67	18	30	17	458	95	362	100	174	100	482	100
1995/96 <sup>1</sup>	27	11	18	15	692	143	247	100	120	100	484	100
1996/97 <sup>1</sup>	21	8	19	13	896	169	273	100	145	100	531	100

FONTE: EMBRAPA (1998)

<sup>1</sup> Valores atualizados em julho de 1998

CT/85, CNPA, out./98, p.5

Tabela 2. Área colhida, produção, rendimento médio e preço médio pago aos produtores de algodão herbáceo irrigado em caroço, no Ceará, por região, em 1997

Região	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento Médio (Kg/ha)	Preço Médio (R\$/t)
Santa Quitéria	6	15	2500	600,00
Itapipoca	6	7	1166	550,00
Médio Curu	3	3	1000	500,00
Fortaleza	200	300	1500	600,00
Crateus	284	568	2000	590,00
Quixeramobim	44	69	1568	587,00
Inhamuns	20	36	1800	600,00
Senador Pompeu	245	442	1804	610,00
Baixo Jaguaribe	723	2006	2774	600,00
Médio Jaguaribe	20	56	2800	600,00
Iguatu	379	926	2443	630,00
Várzea Alegre	85	160	1882	587,00
Lavras da Mangabeira	75	194	2586	600,00
Chapada do Araripe	5	15	3000	550,00
Caririáçu	4	10	2500	600,00
Barro	850	2340	2752	650,00
Cariri	68	210	3088	630,00
Brejo Santo	308	758	2461	648,00
<b>Total</b>	<b>3325</b>	<b>8115</b>	<b>2440<sup>1</sup></b>	<b>609,00<sup>1</sup></b>

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Rural (1998)

<sup>1</sup>Média**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Algodão (Campina Grande, PB) **Banco de Dados**. Campina Grande, 1998.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (Rio de Janeiro, RJ) **Algodão em caroço**. Rio de Janeiro, 1998.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL (Fortaleza, CE) **Informações referentes ao Estado do Ceará a respeito da cadeia produtiva do algodão**. Fortaleza, 1998.